

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

A MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NOS TEMPOS ATUAIS: UM OLHAR SOBRE O IMEDIATISMO

Ana Laura Farias
Acadêmica de Psicologia - Unimater.
https://orcid.org/0009-0007-3832-312X
E-mail: analaurafarias093@gmail.com

Scherun Emely Bleichevel de Lima
Acadêmica de Psicologia - Unimater.
https://orcid.org/0009-0006-9811-8198
E-mail: scherundelima@gmail.com

Débora Maria Biesek
Docente do curso de Psicologia - Unimater.
http://lattes.cnpq.br/4501675316490429
https://orcid.org/0000-0002-5772-4259
E-mail: psicdeboramb@gmail.com

DOI-Geral: http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N4
DOI-individual: http://dx.doi.org/10.47538/ra-2026.V5N4-23

RESUMO: O presente estudo investiga a medicalização do sofrimento psíquico nos tempos atuais, com foco nos fatores psicológicos, sociais e culturais relacionados à busca por medicamentos em desfavor à psicoterapia. A temática é relevante diante da ampliação da compreensão biomédica do sofrimento humano e da valorização de intervenções voltadas ao alívio dos sintomas. O objetivo foi analisar os fatores que influenciam essa busca, compreender as barreiras relacionadas à adesão à psicoterapia e discutir a influência da cultura do imediatismo nas formas de cuidado em saúde mental. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, desenvolvida a partir da análise de produções científicas, com interpretação dos dados fundamentada na análise de conteúdo de Bardin, (2016). O referencial teórico contempla discussões sobre medicalização, sofrimento psíquico e exigências sociais dos tempos atuais, considerando as contribuições da psicanálise. Os estudos analisados apontaram fatores psicológicos, como dificuldades em lidar com emoções e o sofrimento, quanto aos fatores sociais, a pressão por produtividade, desigualdades e sobrecarga; e aos fatores culturais, como a valorização da felicidade, do bem-estar e do modelo biomédico. Também foi identificada a influência da busca por soluções rápidas e alívio imediato dos sintomas. Em relação à psicoterapia, foram observadas barreiras relacionadas à disponibilidade de horários, às condições financeiras, à rotina e ao envolvimento emocional exigido pelo processo terapêutico. Os resultados demonstram que a medicalização do sofrimento psíquico envolve aspectos individuais e sociais, sendo influenciada pelas exigências da sociedade como a busca por alívio rápido. Além disso, identificou-se que as discussões sobre as barreiras à adesão à psicoterapia ainda são limitadas na literatura analisada, indicando a necessidade de ampliar as pesquisas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Imediatismo. Medicalização. Psicoterapia. Saúde Mental.



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

THE MEDICALIZATION OF PSYCHOLOGICAL SUFFERING IN CONTEMPORARY TIMES: A LOOK AT IMMEDIATISM

ABSTRACT: This study investigates the medicalization of psychological distress in contemporary times, focusing on the psychological, social, and cultural factors that lead individuals to seek medication rather than psychotherapy. This topic is particularly relevant given the expanding biomedical understanding of human suffering and the growing emphasis on interventions aimed solely at symptom relief. The objective was to analyze the factors influencing this preference, understand the barriers to engaging in psychotherapy, and discuss how a "culture of immediacy" shapes mental health care. This is a narrative literature review—qualitative, exploratory, and descriptive in nature—based on an analysis of scientific literature, with data interpreted through Bardin's (2016) content analysis method. The theoretical framework encompasses discussions on medicalization, psychological distress, and the social demands of the present day, incorporating perspectives from psychoanalysis. The analyzed studies highlight psychological factors, such as difficulties in coping with emotions and suffering; social factors, including pressure for productivity, inequality, and overload; and cultural factors, such as the high value placed on happiness, well-being, and the biomedical model. The study also identifies the influence of a desire for quick fixes and immediate symptom relief. Regarding psychotherapy, barriers were identified concerning scheduling availability, financial constraints, daily routines, and the emotional investment required by the therapeutic process. The findings demonstrate that the medicalization of psychological distress involves both individual and social dimensions, shaped by societal pressures—such as the demand for rapid relief. Furthermore, the study reveals that discussions surrounding barriers to psychotherapy engagement remain limited within the existing literature, highlighting a need for further research on this subject.

KEYWORDS: Immediatism. Medicalization. Psychotherapy. Mental Health.

INTRODUÇÃO

O sofrimento psíquico faz parte da experiência humana e pode se manifestar de diferentes formas, estando relacionado tanto às vivências individuais quanto às condições sociais e culturais em que cada pessoa está inserida. Embora a saúde mental tenha conquistado maior espaço nas discussões sociais, ainda existem dificuldades relacionadas à maneira como o sofrimento é compreendido e enfrentado.

Nesse contexto, a busca por tratamentos pode envolver diferentes possibilidades de cuidado, entre elas o uso de psicofármacos, a psicoterapia e os grupos terapêuticos, que oferecem espaços de escuta, troca de experiências, acolhimento e construção coletiva de estratégias para lidar com o sofrimento. Essas formas de cuidado podem ser utilizadas de maneira complementar, conforme as necessidades de cada indivíduo.

Cuidados em saúde mental, a qual envolve a medicalização do sofrimento psíquico, corresponde a um processo mais amplo do que o uso de medicamentos, envolvendo a interpretação de experiências, comportamentos e dificuldades humanas predominantemente a partir de uma perspectiva médica.

Nesse cenário, manifestações como tristeza, ansiedade e frustração podem ser compreendidas principalmente como problemas a serem identificados e tratados, deixando em segundo plano, em determinadas situações, aspectos relacionados à história de vida, às relações sociais e às condições de existência do sujeito. Essa discussão não significa desconsiderar a importância dos diagnósticos e dos tratamentos medicamentosos, mas compreender como diferentes formas de interpretar o sofrimento influenciam as práticas de cuidado em saúde mental.

A compreensão desse fenômeno também exige considerar as características da sociedade atual. As exigências de produtividade, desempenho e adaptação podem contribuir para que o sofrimento seja percebido como um obstáculo à realização das atividades cotidianas, favorecendo a busca por formas de alívio que permitam a retomada do funcionamento habitual o mais breve possível.

Nesse contexto, a cultura do imediatismo constitui um aspecto relevante para a discussão, uma vez que a valorização de respostas rápidas pode influenciar as expectativas em relação ao tratamento e à redução dos sintomas. Entretanto, essa relação não permite afirmar que a procura por psicofármacos seja motivada exclusivamente pela expectativa de alívio imediato, sendo necessário considerar os diferentes fatores envolvidos em cada situação.

As contribuições de Sigmund Freud (1912/2017; 1914/2017; 1930/2011), permitem compreender que o sofrimento está relacionado, entre outros aspectos, aos conflitos entre os desejos individuais e as exigências da vida em sociedade. Essa perspectiva contribui para questionar a expectativa de que o mal-estar possa ser completamente eliminado, destacando a importância de compreender as experiências e os conflitos que fazem parte da vida humana.

De maneira complementar, Dunker (2015; 2021) discute as relações entre as formas contemporâneas de organização social e os modos de vivenciar e administrar o



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

sofrimento. Essas contribuições oferecem subsídios para analisar como as expectativas de desempenho e adaptação podem atravessar a experiência subjetiva e as formas de cuidado.

Além dos aspectos culturais e sociais, é importante considerar as barreiras relacionadas à adesão à psicoterapia. Da mesma forma, a organização dos serviços de saúde e a ausência de encaminhamentos para outras modalidades de cuidado podem limitar as possibilidades disponíveis aos usuários. Assim, a relação entre psicofármacos e psicoterapia não deve ser compreendida apenas como uma escolha individual, mas também a partir das condições em que o cuidado é oferecido e das concepções que orientam a compreensão do sofrimento psíquico.

Diante disso, torna-se relevante investigar como a literatura científica aborda os fatores envolvidos na busca por medicamentos e as barreiras relacionadas à psicoterapia, considerando as particularidades psicológicas, sociais e culturais desse fenômeno. O presente estudo tem como objetivo analisar a medicalização do sofrimento psíquico nos tempos atuais, com foco nos fatores que influenciam a busca por medicação em comparação à psicoterapia, nas barreiras relacionadas à adesão ao acompanhamento psicológico e na influência da cultura do imediatismo nas formas de enfrentar o sofrimento.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, com o objetivo de compreender os fatores psicológicos, sociais e culturais associados à medicalização do sofrimento psíquico e à preferência pelo uso de medicação em detrimento da psicoterapia nos tempos atuais. A revisão narrativa possibilita reunir, analisar e discutir produções científicas sobre determinado tema, contribuindo para uma compreensão ampla e contextualizada do fenômeno estudado (Rother, 2007).

Para a seleção dos estudos, foram estabelecidos como critérios de inclusão artigos científicos publicados entre 2016 e 2026, em língua portuguesa (Brasil), que abordassem



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

a medicalização do sofrimento psíquico, o uso de psicofármacos, a psicoterapia e os fatores relacionados à escolha dessas formas de cuidado. Foram excluídos estudos duplicados, artigos sem acesso ao texto completo, pesquisas sobre transtornos do neurodesenvolvimento, estudos com foco em redes sociais e publicações que não apresentassem relação direta com a questão norteadora da pesquisa.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados SciELO e PePSIC, utilizando os descritores “medicalização”, “sofrimento psíquico”, “psicoterapia”, “psicofármacos” e “imediatismo”. Na base SciELO, foram encontrados inicialmente 895 resultados para o descritor “medicalização”, dos quais 10 foram selecionados após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Para “psicofármacos”, foram identificados 107 resultados, sendo 3 selecionados. Com o descritor “imediatismo”, foram encontrados 52 resultados, dos quais 1 foi selecionado.

Para “sofrimento psíquico”, foram identificados 490 resultados, sendo 2 incluídos. Já para “psicoterapia”, foram encontrados 650 resultados iniciais, dos quais 1 foi selecionado. Na base PePSIC, foram encontrados 131 resultados para “medicalização”, sendo 10 selecionados para “psicofármacos”, foram identificados 33 resultados, dos quais 1 foi incluído. Com o descritor “imediatismo”, foram encontrados 9 resultados, sendo 1 selecionado. Para “sofrimento psíquico”, foram identificados 397 resultados, dos quais 2 foram incluídos.

Por fim, para “psicoterapia”, foram encontrados 925 resultados iniciais, sendo 1 selecionado. Ao final do processo de seleção, foram utilizados 28 artigos que atenderam aos critérios estabelecidos. A seleção dos materiais ocorreu inicialmente pela leitura dos títulos e resumos, a fim de verificar sua adequação aos critérios estabelecidos. Posteriormente, os estudos selecionados foram submetidos à leitura integral, possibilitando identificar as contribuições pertinentes aos objetivos da pesquisa.

A análise dos materiais foi realizada por meio da análise de conteúdo de Bardin, (2016), organizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação. Na primeira etapa, foram organizados os estudos e identificados os conteúdos relevantes, na segunda, foram identificados temas recorrentes e agrupados em categorias relacionadas aos fatores psicológicos, sociais e culturais, às



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

barreiras de adesão à psicoterapia, à cultura do imediatismo e à medicalização do sofrimento psíquico. Por fim, os achados foram interpretados qualitativamente e articulados ao referencial teórico da pesquisa, com contribuições de Christian Dunker e Sigmund Freud, buscando compreender os fatores envolvidos na preferência pelo uso de medicação e sua relação com outras possibilidades de cuidado em saúde mental.

Para a revisão textual, foi utilizada a ferramenta ChatGPT (OpenAI) exclusivamente como apoio à correção gramatical, à adequação do vocabulário e ao aprimoramento da linguagem acadêmica, permanecendo a elaboração e a responsabilidade pelo conteúdo sob responsabilidade das autoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise da literatura, foi possível identificar que os fatores psicológicos relacionados à medicalização do sofrimento psíquico envolvem, principalmente, a dificuldade em lidar com emoções dolorosas, e conflitos internos. Também aparecem a busca pelo alívio da dor emocional e dos sintomas, o medo de voltar a sentir sofrimento e de perder o controle emocional, além da autocobrança e dos sentimentos de fracasso (Antonielli, 2023; Daltro; Lima, 2017; Cordeiro; Salvador, 2020; Antonelli; Pereira; Carvalho, 2023; Junior; Santos, 2024; Cortez; Fontes; Pereira, 2021; Filardi; Mendonça; Oliveira, 2021).

Outros estudos apontam ansiedade, alterações do sono, baixa autoestima, solidão, sobrecarga emocional e dificuldade de compreender ou participar das decisões sobre o próprio tratamento (Rovare, 2026; Bezerra; Nobre; Amorim, 2024; Santos et al., 2020; Lauermann; Serralta, 2021). Também foram identificados sentimentos de dependência e controle da vida pelos medicamentos, além da identificação do indivíduo com o diagnóstico (Caron; Feuerwerker, 2019; Freitas; Reuter, 2021).

Em relação aos fatores sociais, os estudos apontam a pressão por produtividade, desempenho e sucesso, assim como a sobrecarga de trabalho, as dificuldades financeiras e o desemprego. Também aparecem questões relacionadas às relações familiares, conflitos amorosos, violência, pobreza e desigualdades sociais. Alguns autores destacam

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

ainda a desigualdade de gênero, o racismo e a sobrecarga das mulheres com o trabalho doméstico e materno (Cordeiro; Salvador, 2020; Junior; Santos, 2024; Bezerra; Nobre; Amorim, 2024; Degrave; Silva, 2025; Filardi; Mendonça; Oliveira, 2021).

Além disso, foram identificadas dificuldades de acesso aos serviços de saúde mental, falta de acompanhamento, consultas rápidas e pouco espaço para diálogo entre profissionais e pacientes (Rovare, 2026; Caron; Feuerwerker, 2019; Santos et al., 2020; Santos et al., 2023). A influência da família, da indústria farmacêutica e da autoridade do saber médico também aparece nas discussões sobre o uso de psicofármacos (Antonielli, 2023; Antonelli; Pereira; Carvalho, 2023; Canavêz; Silva, 2017; Zanella et al., 2016).

Quanto aos fatores culturais, observa-se a valorização da felicidade constante, do bem-estar, da produtividade e de um padrão de normalidade, como se o sofrimento fosse algo que precisasse ser evitado ou eliminado. Também foi identificada a naturalização do uso de medicamentos como resposta ao sofrimento psíquico e o predomínio do modelo biomédico, que prioriza explicações biológicas para questões emocionais (Antonielli, 2023; Daltro; Lima, 2017; Silveira et al., 2016; Degrave; Silva, 2025; Zanella et al., 2016).

Outros estudos apontam a tendência de interpretar dificuldades cotidianas como doenças, a centralidade das decisões médicas no tratamento e a valorização dos papéis tradicionais atribuídos às mulheres (Silva; Mendes, 2019; Santos et al., 2020; Bezerra; Nobre; Amorim, 2024). Também aparecem a influência do capitalismo e do neoliberalismo na valorização do desempenho e da satisfação, além da presença da indústria farmacêutica nesse cenário (Guterres; Kessler, 2026; Canavêz; Silva, 2017).

Sobre as possíveis resistências, os artigos apontam dificuldades relacionadas ao acesso e à continuidade da psicoterapia, como filas para atendimento, falta de profissionais, dificuldades financeiras, horários e rotina de trabalho. Também foi identificada a dificuldade de enfrentar medos, sentimentos e mudanças pessoais durante o processo terapêutico, além da expectativa de que a psicoterapia exige tempo e acompanhamento (Rovare, 2026; Lauermann; Serralta, 2021; Braga; Junior, 2022; Silveira et al., 2016; Azevedo; Fagundes; Pinheiro, 2018).

Outros aspectos encontrados foram a confiança nos psicofármacos, a valorização

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

do diagnóstico, a pouca abertura para outras formas de cuidado e a dificuldade de considerar alternativas ao tratamento medicamentoso (Secco; Tesser, 2023; Freitas; Reuter, 2021; Zanella et al., 2016). Também foram mencionadas a resistência de alguns profissionais a estratégias alternativas e a insegurança para realizar a escuta dos pacientes (Santos et al., 2020; Caron; Feuerwerker, 2019; Santos et al., 2023). É importante destacar que nem todos os estudos apresentaram informações sobre possíveis resistências.

Por fim, em relação à influência do imediatismo, os estudos apontam a busca por soluções rápidas, alívio dos sintomas e resolução do sofrimento em menor tempo. Essa procura aparece associada à valorização dos psicofármacos como uma alternativa capaz de proporcionar melhora rápida, enquanto outras formas de cuidado exigem acompanhamento e tempo para compreender e elaborar o sofrimento (Antonielli, 2023; Daltro; Lima, 2017; Cordeiro; Salvador, 2020; Antonelli; Pereira; Carvalho, 2023; Braga; Junior, 2022; Secco; Tesser, 2023).

Também foi identificada a pressão por resultados, rapidez e satisfação imediata, que pode reduzir o espaço destinado à elaboração das experiências emocionais (Guterres; Kessler, 2026; Junior; Santos, 2024; Coelho; Neves, 2023). Além disso, alguns estudos destacam a associação rápida entre sintomas e diagnósticos, bem como a utilização da medicação como resposta imediata nos serviços de saúde (Cortez; Fontes; Pereira, 2021; Bezerra; Nobre; Amorim, 2024; Santos et al., 2023). Entretanto, essa influência não foi identificada em todos os artigos analisados.

Na sequência traremos a discussão dos resultados embasados nos autores mencionados na metodologia, em uma discussão sob o viés psicanalítico, o qual auxilia na compreensão das dificuldades no manejo do sofrimento psíquico no modo de viver atual.

MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

A medicalização do sofrimento psíquico envolve para além do uso de medicamentos, assim como também a maneira como as experiências humanas passam a ser compreendidas e tratadas a partir de uma perspectiva médica. Nesse processo,



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

emoções e dificuldades que fazem parte da vida podem ser interpretadas prioritariamente como problemas de saúde, favorecendo a busca por diagnósticos e intervenções voltadas à redução dos sintomas. A partir da literatura científica levantada, foi possível compreender que esse fenômeno está relacionado às formas como o sofrimento é reconhecido e enfrentado nos tempos atuais.

No estudo de Antonielli (2023), a medicalização é discutida a partir da ampliação das possibilidades de diagnóstico e da utilização de psicofármacos para lidar com o sofrimento. Essa discussão evidencia que a medicalização não se resume à prescrição de medicamentos, pois também envolve a maneira como determinadas experiências e comportamentos passam a ser interpretados como questões médicas. Nesse sentido, é importante considerar as circunstâncias em que o sofrimento é identificado e tratado, evitando compreender toda manifestação de tristeza, ansiedade ou frustração como necessariamente indicativa de um transtorno mental.

Essa questão pode ser relacionada às discussões apresentadas por Safatle, Silva Junior e Dunker (2021), os quais refletem sobre as relações entre as formas de organização da sociedade atual e a experiência subjetiva dos indivíduos. Em uma sociedade marcada pela valorização do desempenho, da produtividade e da adaptação, o sofrimento pode ser percebido como um obstáculo à realização das atividades cotidianas, criando uma expectativa de que o indivíduo precisa estar constantemente pronto para responder às exigências sociais. Essa perspectiva contribui para discutir como as dificuldades relacionadas às condições de vida e às relações sociais podem ser interpretadas predominantemente como problemas individuais.

Freud (1930/2011) contribui para essa discussão ao abordar o sofrimento como parte da experiência humana e os conflitos que surgem entre os desejos individuais e as exigências da vida em sociedade. Para o autor, a convivência social envolve renúncias e limitações que tornam impossível alcançar uma satisfação plena e permanente. Essa reflexão permite compreender que nem todo sofrimento pode ou precisa ser eliminado, pois algumas experiências de mal-estar estão relacionadas à própria condição humana e às relações sociais.

Nesse sentido, quando a medicalização busca respostas rápidas para essas

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

experiências, principalmente por meio da redução dos sintomas, há o risco de desconsiderar os conflitos e as condições que também fazem parte da história de cada indivíduo.

Em diálogo com essa perspectiva, os referenciais analisados também problematizam situações em que o alívio dos sintomas ocupa uma posição central no cuidado, sem que haja uma investigação mais ampla da história e das experiências do indivíduo. Essa questão é abordada por Cortez, Fontes e Pereira (2021), cujos relatos das participantes apontam dificuldades relacionadas à falta de informações sobre os medicamentos, à limitação do acompanhamento e à ausência de encaminhamentos para outras modalidades de cuidado.

Esses resultados indicam que a medicalização precisa ser compreendida em sua complexidade, considerando a articulação entre as práticas profissionais, a organização dos serviços de saúde e as experiências individuais dos usuários. No artigo Medicalização do Viver entre Usuárias de Psicotrópicos na Atenção Básica, Pereira et al. (2021), essa realidade também aparece na fala de uma das participantes, onde ela traz que “Falta arroz, feijão, rapadura, linguiça, salsicha, mas não falta meu remédio” (Pereira et al., 2021, p. 58). O relato evidencia a importância que a medicação ocupa na vida da participante, mesmo diante de dificuldades financeiras e da necessidade de priorizar outras necessidades básicas.

Assim, os estudos analisados mostram que a medicalização envolve diferentes aspectos da vida em sociedade, desde a maneira como o sofrimento é interpretado até as práticas de cuidado oferecidas aos indivíduos. Por isso, é importante considerar as condições em que os diagnósticos e tratamentos são realizados, reconhecendo a complexidade do sofrimento psíquico e a importância de um cuidado que considere as necessidades de cada pessoa.

SOFRIMENTO PSÍQUICO E PSICOTERAPIA

O sofrimento psíquico constitui uma experiência singular, atravessada pelas emoções, pelos conflitos, pelos desejos e pelas relações que o sujeito estabelece consigo

mesmo e com o mundo. Sua manifestação está relacionada às particularidades da história de vida de cada indivíduo, às experiências vivenciadas e às condições sociais e culturais que participam da constituição de sua subjetividade.

Desse modo, sua compreensão requer uma perspectiva que considere a articulação entre os sintomas, os processos subjetivos e os diferentes contextos nos quais o sujeito está inserido.

A partir da perspectiva psicanalítica, o sofrimento está relacionado à própria constituição do sujeito e aos conflitos que surgem ao longo da vida. Freud (1930/2011) aborda como a vida em sociedade exige que os indivíduos renunciem a determinadas satisfações individuais para atender às regras e exigências da convivência social. Essas tensões entre os desejos individuais e as expectativas socialmente estabelecidas participam da constituição do mal-estar, evidenciando as relações entre a subjetividade e as condições culturais e sociais em que o sujeito está inserido.

Nessa perspectiva, o sofrimento psíquico precisa ser compreendido em sua dimensão subjetiva e social, considerando os conflitos que atravessam a experiência humana e os modos pelos quais cada indivíduo os vivência e elabora.

Dunker (2015) também contribui para essa compreensão ao discutir as diferenças entre essas três dimensões da experiência humana. O autor permite compreender que o sofrimento não se resume aos sintomas apresentados, pois também envolve a história, a subjetividade e as relações sociais de cada indivíduo. Nessa perspectiva, cada sujeito vivencia e atribui sentidos próprios às suas experiências de sofrimento.

Coerente com o que Lima e Daltro (2017) discutem a relação entre sofrimento, desejos individuais e exigências da sociedade. A partir da psicanálise, as autoras compreendem que o sintoma pode expressar conflitos relacionados à história e à subjetividade de cada pessoa, funcionando como uma forma singular de lidar com o mal-estar. As autoras destacam que as restrições impostas pela vida em sociedade podem gerar conflitos entre aquilo que o sujeito deseja e aquilo que é socialmente esperado, influenciando sua constituição psíquica.

Além dos aspectos individuais, o sofrimento psíquico também está relacionado às


REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

condições sociais, econômicas e familiares em que as pessoas vivem. Rovare *et al*. (2026), ao estudarem as experiências de médicos da Atenção Primária à Saúde no manejo dos Transtornos Mentais Comuns, apontam que essas manifestações estão relacionadas a determinantes sociais, econômicos, familiares e individuais. Os autores também destacam que o sofrimento pode se manifestar por meio de sintomas mentais e físicos, interferindo na saúde e na qualidade de vida.

Nessa mesma direção, Coelho e Neves (2023) discutem como as formas de sofrimento psíquico estão relacionadas ao contexto social e à racionalidade neoliberal. Os autores apontam que as exigências de desempenho e autoaperfeiçoamento presentes nessa lógica influenciam a maneira como os indivíduos vivenciam e compreendem o próprio sofrimento. Nesse contexto, questões que envolvem conflitos, contradições e dificuldades próprias da vida podem ser interpretadas como problemas individuais, considerando também as condições sociais que participam dessas experiências.

Ao realizarem uma revisão sistemática sobre a medicalização a partir do referencial psicanalítico, Salvador e Cordeiro (2020) também apresentam o sofrimento psíquico como uma expressão do mal-estar humano. O estudo destaca a importância da compreensão psicanalítica sobre a singularidade dos sujeitos e suas experiências, considerando que o sofrimento não pode ser compreendido de maneira separada da subjetividade.

Diante dessas diferentes dimensões do sofrimento, a psicoterapia pode representar um espaço de escuta, acolhimento e reflexão, no qual o indivíduo tem a possibilidade de entrar em contato com suas experiências, sentimentos e conflitos. Nesse processo, a adesão envolve diferentes aspectos que podem influenciar tanto a procura pelo atendimento quanto a permanência ao longo do tratamento.

Entre eles, destacam-se a motivação para a mudança, a disponibilidade para compreender os próprios sentimentos e conflitos e o estabelecimento de uma relação de confiança com o terapeuta. Elementos que esta pesquisa destaca como dificuldades para a adesão, pois Lauermann e Serralta (2021) apontam que a falta de motivação e de colaboração do paciente, assim como as dificuldades de conciliar os horários das sessões com a rotina, podem interferir na continuidade do tratamento.



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

Nesse sentido, Lauermann e Serralta (2021), ao investigarem fatores associados à adesão à psicoterapia psicanalítica, identificaram que os participantes buscaram atendimento principalmente em razão de situações de estresse, ansiedade, sentimentos de solidão, angústia, baixa autoestima e isolamento. As autoras também apontam que a disposição para compreender os próprios sentimentos, pensamentos e conflitos internos pode favorecer o envolvimento com o tratamento.

Outro aspecto destacado no estudo é a importância do vínculo estabelecido entre terapeuta e paciente. Os participantes relataram que se sentir ouvidos, compreendidos e acolhidos, sem julgamentos, contribuiu para a permanência na psicoterapia. A empatia, a cordialidade, o interesse demonstrado pelo profissional e a disponibilidade para escutar a história do paciente também foram apontados como elementos importantes. Além disso, o espaço terapêutico foi compreendido como um ambiente seguro, no qual o indivíduo pode refletir sobre suas experiências e entrar em contato com questões relacionadas ao seu sofrimento (Lauermann; Serralta, 2021).

Na perspectiva psicanalítica, a relação estabelecida entre paciente e terapeuta também possui importância para a compreensão dos conflitos psíquicos. Freud (1912/2017) aborda a transferência como um fenômeno central do tratamento analítico, no qual sentimentos, expectativas e desejos são direcionados à figura do terapeuta. Embora seja fundamental para o desenvolvimento do processo, a transferência também pode se manifestar como resistência, dificultando o avanço do tratamento. Dessa forma, a relação terapêutica não representa apenas um espaço de acolhimento, mas também possibilita que conteúdos e conflitos inconscientes se manifestem e possam ser trabalhados.

Outro aspecto importante da psicoterapia está relacionado ao tempo necessário para a elaboração do sofrimento psíquico. Em Recordar, repetir e elaborar, Freud (1914/2017) discute como conteúdos que não são lembrados conscientemente podem se manifestar por meio da repetição de comportamentos e experiências. Nesse contexto, o trabalho terapêutico envolve reconhecer essas repetições e, gradualmente, possibilitar sua elaboração. Essa questão também pode ser relacionada ao que discutem Guterres e Kessler (2026), ao apontarem que a aceleração social do tempo e as exigências de



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

produtividade e eficiência podem comprometer processos que dependem de uma duração própria, como a elaboração psíquica. Portanto, trata-se de um processo que exige tempo, continuidade e participação do paciente, não sendo possível estabelecer uma transformação imediata dos conflitos vivenciados.

O estudo de Lauermann e Serralta (2021) também identificou dificuldades que podem interferir na continuidade do acompanhamento, como a falta de disponibilidade de horários, as exigências da rotina dos pacientes e a ausência de uma previsão de término para o tratamento. Além disso, a motivação e a colaboração do paciente aparecem como aspectos relevantes para o desenvolvimento do processo terapêutico. As autoras também apontam que a percepção dos próprios avanços e das mudanças alcançadas durante o tratamento pode contribuir para a motivação e a permanência na psicoterapia.

Dessa maneira, o sofrimento psíquico envolve aspectos da história individual, da subjetividade e das relações sociais, sendo vivenciado de maneira singular por cada pessoa. A psicoterapia, por sua vez, oferece a possibilidade de compreender e elaborar essas experiências por meio da escuta, da reflexão e da relação terapêutica. Entretanto, por exigir tempo, continuidade e envolvimento, esse processo também pode encontrar dificuldades relacionadas às condições de acesso e permanência, à rotina e às expectativas dos indivíduos em relação aos resultados do tratamento.

FATORES PSICOLÓGICOS, SOCIAIS E CULTURAIS

Além das discussões sobre a medicalização, os artigos analisados permitem identificar diferentes fatores que influenciam a maneira como os indivíduos vivenciam o sofrimento psíquico e buscam formas de cuidado. Entre eles, destacam-se as dificuldades em lidar com determinadas emoções, as condições de vida e as expectativas construídas socialmente em relação ao bem-estar e à saúde.

No aspecto psicológico, os estudos de Antonielli (2023) e Antonelli, Pereira e Carvalho (2023) apontam que o sofrimento emocional e a dificuldade em lidar com sentimentos dolorosos podem influenciar a procura por medicamentos. Essa questão também aparece em Filardi, Mendonça e Oliveira (2021), cujos resultados apresentam

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

relatos de pessoas que buscaram os psicofármacos diante do medo de perder o controle sobre as próprias emoções. Esses dados podem ser compreendidos a partir das reflexões de Freud (1930/2011), que aborda a busca humana por evitar o sofrimento e alcançar situações de prazer e satisfação. Nessa perspectiva, a procura por medicamentos pode estar relacionada à tentativa de aliviar sentimentos que causam desconforto e angústia. Essa discussão também permite refletir sobre a importância de compreender o sofrimento para além dos sintomas, considerando os conflitos e as experiências que fazem parte da vida de cada indivíduo.

Em relação aos fatores sociais, os artigos apontam que as condições de vida e as exigências presentes na sociedade também influenciam a experiência do sofrimento. Coelho e Neves (2023) discutem como a valorização da produtividade, da eficiência e do desempenho pode gerar sentimentos de insegurança, frustração e insatisfação quando os indivíduos não conseguem corresponder às expectativas sociais. Essa discussão se aproxima das reflexões de Safatle, Silva Junior e Dunker (2021), ao abordarem como a lógica neoliberal influencia as formas de viver e se relacionar, atribuindo ao próprio indivíduo a responsabilidade por seu desempenho e suas dificuldades.

Bezerra, Nobre e Amorim (2024), ao abordarem a experiência de mulheres no contexto da medicalização, evidenciam como as desigualdades de gênero, a pobreza e a sobrecarga das responsabilidades domésticas e maternas estão relacionadas à produção do sofrimento psíquico. Essa discussão pode ser ampliada a partir da perspectiva de Collins e Bilge (2021), apresentada por Gomes (2022), que compreende que as desigualdades de gênero, classe e raça não atuam de forma isolada, mas se relacionam e atravessam as experiências dos indivíduos.

Nesse sentido, é importante reconhecer que as mulheres podem vivenciar formas específicas de sofrimento em razão das responsabilidades e das desigualdades socialmente construídas. Embora a desigualdade de gênero não seja o foco central deste estudo, sua consideração é importante para compreender que o sofrimento psíquico também está relacionado às condições sociais e às relações de poder presentes na vida cotidiana.

No aspecto cultural, os estudos apontam a presença de expectativas relacionadas

à felicidade, ao bem-estar e à ideia de normalidade. Degrave e Silva (2025) discutem como os sentimentos como a tristeza e o desânimo podem passar a ser vistos como problemas que precisam ser eliminados. De maneira semelhante, Silveira et al. (2016) abordam a naturalização do uso de psicofármacos, mostrando como a medicação pode ser incorporada ao cotidiano como uma resposta comum diante das dificuldades da vida.

Silva e Mendes (2019), ao analisarem a medicalização da infância, também mostram como comportamentos e dificuldades apresentados pelas crianças podem ser interpretados a partir de uma perspectiva médica, considerando as expectativas familiares e profissionais sobre o comportamento infantil. Essas discussões permitem observar que os valores culturais influenciam aquilo que é considerado normal, saudável ou aceitável em determinado contexto. Assim, a cultura também participa da construção das formas como o sofrimento é interpretado e tratado.

De modo geral, os estudos analisados mostram que os fatores psicológicos, sociais e culturais estão relacionados e não devem ser compreendidos de forma isolada. As experiências emocionais, as condições de vida e os valores presentes na sociedade influenciam a maneira como cada indivíduo vivencia o sofrimento e se relaciona com as possibilidades de cuidado.

CULTURA DO IMEDIATISMO

A cultura do imediatismo aparece relacionada à aceleração do ritmo de vida e às exigências de produtividade, eficiência e rapidez presentes na sociedade atual. Segundo Guterres e Kessler (2026), o contexto neoliberal influencia a maneira como o tempo é organizado, valorizando atividades voltadas ao cumprimento de metas e à obtenção de resultados. Essa lógica também interfere na forma como os sujeitos vivenciam suas experiências, uma vez que atividades cotidianas, como alimentação, sono e relações interpessoais, passam a ocupar cada vez menos tempo.

Essa aceleração pode trazer consequências para a forma como o sofrimento psíquico é vivenciado. Conforme apontam Guterres e Kessler (2026), a experiência psíquica depende de uma temporalidade singular, que não acompanha necessariamente a



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

velocidade exigida pela sociedade. Dessa forma, quando o tempo passa a ser organizado principalmente em função da produtividade e da eficiência, pode haver dificuldades para experiências que exigem duração, reflexão e elaboração. Nesse sentido, a busca constante por rapidez pode dificultar o contato do sujeito com suas próprias vivências e sentimentos.

Dunker (2015) também aborda as exigências da vida contemporânea, destacando a valorização da produtividade e da necessidade de estar constantemente ocupado:

> É preciso reinventar-se a cada dia na vida e no trabalho, estar em permanente revolução dos processos produtivos. É isso que nos leva a avaliar que uma vida é boa se ela é essencialmente produtiva, agitada, dinâmica, ocupada. É isso que nos leva a sentir, de novo com esse adjetivo, "permanente", que a vida social só existe em forma de abalos, tragédias, eventos. É isso ainda que produz a certeza diagnóstica de que nosso afeto político fundamental é o desamparo, a insegurança, a angústia (Dunker, 2015, p. 186).

Essa lógica de estar sempre ocupado e produzir pode dificultar momentos de pausa e reflexão, fazendo com que o indivíduo tenha menos espaço para entrar em contato consigo mesmo e compreender suas próprias experiências de sofrimento.

Essa questão também pode ser relacionada às reflexões de Assis (2017), que destaca a importância de desacelerar e encontrar momentos de pausa para que o sujeito possa entrar em contato consigo mesmo. Para a autora, o excesso de estímulos e a falta de silêncio dificultam a escuta de si e a reflexão sobre as próprias experiências. Assim, em uma sociedade que exige cada vez mais produtividade, encontrar tempo para reconhecer e elaborar sentimentos, angústias e conflitos pode se tornar um desafio. Essa lógica também pode gerar sentimentos de culpa quando o indivíduo descansa ou não está produzindo, levando-o a desvalorizar o próprio cansaço ao compará-lo com a rotina de outras pessoas, como se seu sofrimento fosse menos legítimo por ter menos responsabilidades.

As considerações de Dunker (2015) também contribuem para essa discussão ao apontar que a sociedade contemporânea valoriza uma vida produtiva, agitada, dinâmica e constantemente ocupada. Essa valorização pode produzir sentimentos de desamparo, insegurança e angústia, principalmente diante da necessidade de corresponder continuamente às expectativas sociais. Nesse cenário, o sofrimento pode ser percebido como algo que precisa ser eliminado rapidamente, em vez de ser compreendido como

uma experiência que também demanda tempo e elaboração.

As reflexões de Freud sobre o mal-estar na civilização (1930) também ajudam a compreender essa questão. Embora sua obra tenha sido escrita em 1930, suas discussões sobre os conflitos entre as exigências da vida em sociedade e as necessidades do sujeito continuam contribuindo para pensar o sofrimento na atualidade. Mesmo em um contexto muito diferente do atual, sem os recursos tecnológicos e a velocidade de comunicação existentes hoje, Freud já discutia como as exigências da civilização podem produzir desconforto e mal-estar nos indivíduos. Essa discussão permite pensar que as transformações sociais e tecnológicas modificam as formas de viver, mas não eliminam os conflitos e as dificuldades próprias da experiência humana.

Nesse contexto, a busca por respostas rápidas para o sofrimento pode estar relacionada à dificuldade de sustentar processos que exigem tempo e envolvimento do sujeito. Assis (2017) aponta que soluções que prometem resultados imediatos podem afastar o indivíduo da participação no processo de compreensão e elaboração de suas dificuldades. Essa reflexão também permite pensar sobre a importância da psicoterapia, uma vez que o processo psicoterapêutico envolve um espaço de escuta e reflexão, no qual as experiências podem ser compreendidas e elaboradas respeitando o tempo de cada sujeito.

Portanto, a literatura científica observada aponta que a aceleração social e as exigências de produtividade influenciam a organização do cotidiano, assim como a relação dos indivíduos com o próprio sofrimento. A valorização da rapidez e dos resultados pode dificultar o reconhecimento e a elaboração das experiências subjetivas, favorecendo a procura por alternativas que prometem alívio imediato. Nesse sentido, a psicoterapia representa um processo que exige tempo, continuidade e participação do sujeito, aspectos que podem entrar em conflito com a lógica imediatista presente na sociedade nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, os artigos analisados permitiram compreender que a



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

medicalização do sofrimento psíquico está relacionada a diferentes fatores psicológicos, sociais e culturais, que influenciam a maneira como os indivíduos vivenciam e enfrentam suas dificuldades emocionais. Observou-se a presença de discussões sobre a ampliação dos diagnósticos, a valorização do modelo biomédico e a utilização de psicofármacos como forma de lidar com o sofrimento. Entretanto, percebeu-se que, embora os estudos abordem amplamente a medicalização, poucos discutem diretamente a psicoterapia como possibilidade de cuidado.

Essa ausência chama a atenção, principalmente quando se considera que a pesquisa buscou compreender os fatores relacionados à preferência pelo uso de medicamentos em detrimento da psicoterapia. Os artigos apresentam informações sobre as condições sociais, as dificuldades emocionais, a produtividade e a naturalização do uso de medicamentos, mas não aprofundam, na mesma proporção, os motivos que levam os indivíduos a buscar ou não a psicoterapia, bem como as resistências e barreiras que possam influenciar essa procura.

As contribuições de Freud (1912/2017; 1914/2017; 1930/2011) e Dunker (2015; 2021) auxiliaram na compreensão do sofrimento psíquico e de sua relação com a subjetividade e o contexto social. Nesse cenário, o sofrimento pode ser percebido como algo que atrapalha a realização das atividades e o cumprimento das expectativas sociais, favorecendo a busca por formas de alívio que permitam ao indivíduo continuar respondendo a essas exigências.

Além disso, os resultados da pesquisa reforçam a importância de discutir as políticas públicas de saúde mental, especialmente no que se refere às condições em que os atendimentos são oferecidos. É necessário considerar que os serviços de saúde frequentemente precisam organizar seus atendimentos a partir de prazos, agendas e limites institucionais, orientados por um tempo cronológico.

Entretanto, os processos de elaboração do sofrimento psíquico não acontecem necessariamente nesse mesmo ritmo, pois envolvem a história, as experiências e o tempo singular de cada indivíduo.

Dessa forma, torna-se importante refletir sobre políticas públicas que possibilitem formas de cuidado que respeitem as necessidades dos sujeitos e não reduzam o

acompanhamento a uma lógica de rapidez e produtividade.

A própria construção desta pesquisa também possibilitou uma reflexão sobre as questões discutidas ao longo do trabalho. A conciliação entre as atividades profissionais, as demandas da graduação e a elaboração deste artigo, dentro de um prazo previamente estabelecido, trouxe dificuldades relacionadas à disponibilidade de tempo.

Nesse processo, foi possível perceber como as exigências de produtividade e a necessidade de cumprir diferentes responsabilidades podem limitar o tempo destinado à reflexão e ao aprofundamento de uma atividade. Embora reconheçamos que o trabalho poderia ter sido desenvolvido de maneira mais aprofundada, sua construção também ocorreu dentro das condições e possibilidades que tínhamos naquele momento. Essa experiência permitiu aproximar as discussões teóricas da realidade vivenciada pelas próprias pesquisadoras, evidenciando como a lógica do imediatismo também atravessa a formação acadêmica e a produção do conhecimento.

Portanto, compreende-se que a medicalização do sofrimento psíquico não pode ser analisada apenas pelo aumento do uso de medicamentos ou pelas escolhas individuais, sendo necessário considerar também as condições sociais e culturais que influenciam essas práticas.

Além disso, os resultados apontam para a importância de ampliar as discussões sobre a psicoterapia e sobre as diferentes possibilidades de cuidado em saúde mental, considerando as necessidades e a realidade de cada indivíduo, sem desconsiderar a importância dos psicofármacos quando clinicamente indicados.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Eduardo de Oliveira. et al. Sobre a subjetivação psicofarmacológica. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação,** v. 29, e250109, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/interface.250109.

ANTONELLI, Cláudia Cristina. A dimensão psicofarmacológica do sujeito contemporâneo: self farmacológico e vida farmacológica. **Revista Brasileira de Psicanálise,** v. 57, n. 4, p. 75-86, 2023. DOI: https://doi.org/10.69904/0486-641X.v57n4.06.

ANTONELLI, Cláudia Cristina; PEREIRA, Mário Eduardo Costa; CARVALHO, João

Ernesto de. A subjetividade e o psicofármaco. **Revista de Saúde Mental,** v. 15, n. 27, 2023. DOI: 10.5935/1679-4427.v15n27.0004.

ASSIS, Maria Bernadete Amêndola Contart de. Escassez de sonhos em uma sociedade de excessos. **Ide (São Paulo),** São Paulo, v. 40, n. 64, p. 67-75, Dec. 2017. Available from<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Nov. 2026.

AZEVEDO, Camila Bianca Figueiredo; FAGUNDES, Joseny Alves; PINHEIRO, Ângela Fernanda Santiago. Psicoterapia e psicofarmacologia: a percepção de psicólogos**. Fractal:** Revista de Psicologia, v. 30, n. 2, p. 281-290, maio/ago. 2018. DOI: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5568.

BEZERRA, Iasmin Sharmayne Gomes; NOBRE, Maria Teresa; AMORIM, Ana Karenina de Melo Arraes. Mulheres, medicalização e grupalidade: experiência com gestão autônoma da medicação no Nordeste. **Revista Subjetividades,** v. 24, n. 1, e13920, 2024. DOI: 10.5020/23590777.rs.v24i1.e13920.

BRAGA, Gleicielly Zopelaro; JUNIOR, Dionísio de Paula. O abuso de psicotrópicos na atualidade: configuração sociocultural. **Revista de Saúde Mental,** v. 14, n. 26, 2023. DOI: 10.5935/1679-4427.v14n26.0009.

CARON, Eduardo; FEUERWERKER, Laura C. M. Gestão Autônoma da Medicação (GAM) como dispositivo de atenção psicossocial na atenção básica e apoio ao cuidado em saúde mental. **Saúde e Sociedade,** v. 28, n. 4, p. 14-24, 2019. DOI: 10.1590/S0104-12902019190697.

COELHO, Leticia; NEVES, Tiago. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. **Saúde e Sociedade,** v. 32, n. 3, p. e220850pt, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220850pt.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma:** uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

FILARDI, Agnes Fonseca Ribeiro; MENDONÇA, Simone de Araújo Medina; OLIVEIRA, Djanane Ramalho de. O ser humano é assim, sofre, mas alguns dias são piores: a percepção dos pacientes para o início do uso dos medicamentos psicotrópicos. **Psicologia em Estudo,** v. 26, e46557, 2021. DOI: 10.4025/psicolestud. v26i0.46557.

FREITAS, Cristiane Davina Redin; REUTER, Bruna. Modos de subjetivação e discurso psiquiátrico: implicação e repercussão do diagnóstico psiquiátrico na construção de identidade do sujeito. **Saúde e Sociedade,** v. 30, n. 1, e2200172, 2021. DOI: 10.1590/S0104-12902021200172.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica.** Tradução de Claudia Dornbusch. São Paulo: Autêntica Editora, 2017. E-book. ISBN 9788551301999. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788551301999/. Acesso em: 03 nov. 2026.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930).** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOMES, Lunara Carolline Nascimento. A interseccionalidade para além da academia: a

práxis crítica dos movimentos de mulheres. **Revista Antropolítica,** Niterói, v. 54, n. 3, p. 559-565, set./dez. 2022.

GUTERRES, Daniel Zucolo; KESSLER, Carlos Henrique. A psicanálise diante da aceleração social do tempo: experiência temporal e sofrimento psíquico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,** v. 29, p. e2502020, 2026.

LAUERMANN, Franciele; SERRALTA, Fernanda Barcellos. Fatores associados à adesão à psicoterapia psicanalítica: um estudo qualitativo. **Contextos Clínica,** São Leopoldo, v. 2, pág. 410-437, agosto de 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983348220210002000004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 out. 2026. https://doi.org/10.4013/ctc.2021.142.03.

LIMA, Yedda Janaina Scuccato de Castro; DALTRO, Mônica Ramos. O sintoma-equilibrista e o tratamento médico ao mal estar na atualidade. **Cad. psicanalista,** Rio de Janeiro, v. 36, pág. 243-263, junho de 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952017000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 24 out. 2026.

PEREIRA, Élen Lúcio. et al. Medicalização do viver entre usuárias de psicotrópicos na atenção básica. **Rev. Polis e Psique,** v. 11, n. 2, p. 51-71, 2021.

RIBEIRO, Renata Dias. Interseccionalidade: uma introdução a partir de Patricia Hill Collins. **O Manguezal - Revista de Filosofia,** São Cristóvão/SE, v. 1, n. 16, p. 86-99, jan./jun. 2023. ISSN 2674-7278.

ROVARE, Victoria Petenati da. et al. Repertório não farmacológico para o manejo do Transtorno Mental Comum: experiências médicas na Atenção Primária à Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação,** v. 30, p. e250476, 2026.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian Ingo Lenz. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 286 p.

SALVADOR, Isadora Nicastro; CORDEIRO, Silvia Nogueira. A Medicalização No Referencial Psicanalítico: Uma Revisão Sistemática De Literatura. **Revista Subjetividades,** Fortaleza, v. 20, n. 2, p. 1-13, Ago. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 Out. 2026.

SANTOS, Jomábia Cristina Gonçalves dos; et al. Medicalização do sofrimento psíquico na Atenção Primária à Saúde em um município do interior do Ceará. **Physis:** Revista de Saúde Coletiva, v. 33, e33010, 2023. DOI: 10.1590/S0103-7331202333010.

SANTOS, Willian Tito Maia; SILVA JUNIOR, Nelson da. Articulações entre a medicalização da sociedade e o neoliberalismo: impactos na saúde mental contemporânea. **Revista de Saúde Mental,** v. 17, n. 31, 2025. DOI: 10.5935/1679-4427.v17n31.0009.

SECCO, Ana Caroline; TESSER, Charles Dalcanale. Revisitando Whitaker: psicofármacos e cuidado em Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde. **Saúde em Debate,** Rio de Janeiro, v. 47, n. 139, p. 941-956, out./dez. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-1104202313916.

SILVA, Jerto Cardoso da; MENDES, Caroline Forati. Medicalização da infância: produções de sentido sobre o discurso de profissionais de saúde. **Estudos de Psicologia,** v. 24, n. 4, p. 393-401, out./dez. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22491/1678-4669.20190039.

SILVA, Lívia Machado; CANAVÊZ, Fernanda. Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. **Revista Subjetividades,** v. 17, n. 3, p. 117-129, dez. 2017. DOI: 10.5020/23590777.rs.v17i3.5813.

SILVEIRA, Suely Teodora. et al. A dispensação de psicofármacos em um município de pequeno porte: considerações acerca da medicalização da vida. **Psicologia em Pesquisa,** v. 10, n. 1, p. 17-25, jan./jun. 2016. DOI: 10.5327/Z1982-1247201600010004.

ZANELLA, Michele Zanella. et al. Medicalização e saúde mental: estratégias alternativas. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental,** n. 15, p. 53-62, jun. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0132.

Submissão: julho de 2026. Aceite: agosto de 2026. Publicação: novembro de 2026.